

FOTOGRAFIA

“Vamos Águas”

Em Maio de 2003, montei a minha árvore genealógica no chão da cisterna da faculdade.

Coloquei fotografias dos rostos dos meus familiares (ampliadas a uma escala próxima do natural), rente ao chão, na posição horizontal. Depositei-as num espaço com dourados e ecos de contentor, num reservatório originalmente destinado à recolha das águas da chuva para futuros usos.

Do topo das escadas, uma visão geral permitia ver toda a árvore composta por imagens que pareciam flutuar devido ao plano horizontal de “águas” que formavam. Depois, os visitantes podiam andar entre as imagens num percurso que queria que fosse no espaço e no tempo.

Procurando a extensão de todos os familiares que conheço e conheci, o conjunto era composto por fotografias de dois tipos: umas obtidas pelo processos que uso nas imagens de que parto para a pintura de rostos, com longas exposições de tempo, (não procurei fazer retratos mas imagens de momentos, que espelhassem a minha relação com a pessoa fotografada); outras, simples fotografias de fotografias antigas, referentes a pessoas que já morreram, ou que partiram em viagem. Assim, no tempo, cheguei à distância da minha tetravó, e no espaço, aos meus tios e primos do Brasil que mandaram retratos. As imagens de imagens acentuam a ideia de distância dando ao conjunto um certo dramatismo.

Com nascimentos, biografias, vida e morte, a minha família será, como a de todos, igual. Pretendia que o espectador se pensasse no meio de um todo vasto um espaço que se desenvolve em todas as direcções e também num tempo contínuo entre presente, passado e futuro. Um rizoma.

Queria mostrar que “Vamos Águas”.